

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

AMOR, SATISFAÇÃO E DESILUSÃO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A CONJUGALIDADE

TERESA REGO PONTES

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

SECÇÃO DE PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

NÚCLEO DE PSICOLOGIA CLÍNICA SISTÉMICA

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

**AMOR, SATISFAÇÃO E DESILUSÃO:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A CONJUGALIDADE**

TERESA REGO PONTES

Dissertação, orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso Davide

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

SECÇÃO DE PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

NÚCLEO DE PSICOLOGIA CLÍNICA SISTÉMICA

2014

RESUMO:

O presente estudo exploratório, incluído no domínio da Psicologia da Família, pretende estudar a relação existente entre as dimensões Confiança no Amor do Parceiro, Satisfação Conjugal e Desilusão Conjugal, bem como a influência de factores como o sexo, duração da relação e residência continental vs insular. No presente estudo de cariz quantitativo, participaram 80 indivíduos de ambos os sexos, casados ou em união de facto, que estivessem a viver num regime de coabitação em Portugal Continental ou na Região Autónoma dos Açores. Para esse efeito, foram aplicadas a Escala de Desilusão Conjugal/Relacional (Niehuis & Bartell, 2006; Niehuis, Reifman & Lee, 2010); uma Escala de Satisfação Conjugal de Kansas (Schumm *et al.*, 1986), e a Escala de Fé no Amor do Parceiro (Murray, *et al.*, 2011). Com o recurso ao software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 22.0 for Windows, os resultados principais apontam que a Confiança no Amor do Parceiro correlaciona-se negativamente com a Desilusão Conjugal e directamente com a Satisfação Conjugal, e estes dois últimos correlacionam-se negativamente entre si. Embora se denotem diferenças relevantes nas médias inter-grupais “duração da relação” (≤ 10 anos; ≥ 11 anos) em relação à dimensão Amor, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que concerne ao sexo, duração da relação e residência continental vs. insular.

PALAVRAS-CHAVE: satisfação conjugal; confiança no amor do parceiro; desilusão conjugal

ABSTRACT:

This exploratory study, embbed within Family Psychology, intends to study the relationship between the Faith in Partner's Love, Marital Satisfaction and Marital Disillusionment, as well as the influence of the sex, duration of the relationship and area of residence (continental vs insular). Thus, eighty individuals of both genders participated in this empirical quantitative research, all of whom were currently married or in a domestic partnership, and living together either in mainland Portugal or in the Autonomous Region of Azores. To this purpose, we used the Relationship Disillusionment Scale (Niehuis & Bartell, 2006; Niehuis, Reifman & Lee, 2010), the *Kansas Marital Satisfaction Scale* (Schumm *et al.* 1986), and the *Faith in Partner's Love Scale* (Murray, *et al.*, 2011). Using the Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 22.0 for Windows software, the results of the data analysis shows us that Love correlates negatively with Marital Disillusionment and directly with Marital Satisfaction, and the last two are negatively correlated. Although there were findings of relevant differences in means among the groups "duration of the relationship" (≤ 10 years; ≥ 11 years) regarding Faith in Partner's Love, there were no statistically significant differences regarding sex, duration of the relationship and continental vs. insular residence.

Keywords: marital satisfaction, faith in partner's love, marital disillusionment

AGRADECIMENTOS:

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Narciso, que me guiou neste percurso;

*À Professora Doutora Carla Crespo e à Ágata Salvador, que me ajudaram mais do que possam
imaginar;*

*A todos os participantes que constituem a amostra desta investigação, que tiraram tempo das
suas vidas para contribuir, demonstrando boa vontade, paciência e curiosidade;*

Aos Ruis e ao Simão, que pela ajuda preciosa com os questionários;

*À minha família, sem a qual eu não sou nada. À Lúcia, à São e ao Manuel pelo apoio total e
completamente INCONDICIONAL, e pelas palhaçadas, quando percebem que eu preciso
urgentemente de me rir! Em especial à minha Maria, que, para além de ser a melhor mãe do Mundo,
tem assumidos também os papéis de pai, de amiga e de confidente, com uma mestria impressionante;*

*Aos meus colegas do mestrado, em especial à Daniela Lopes, que esteve sempre lá nos
momentos em que mais precisei;*

Ao Mário e à Lisandra, pelo apoio e amizade;

*A todos os professores que me educaram, que me inspiraram, e que me fizeram compreender
melhor tanto a dificuldade como a nobreza de exercer esta profissão;*

*A todos os continentais e a todos os ilhéus que fizeram, de alguma forma, parte deste meu
percurso;*

... o meu Muito Obrigada!

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
Ser Casal: a vida a dois	3
Satisfação Conjugal	5
Processos Afectivos: O papel do Amor	8
Desilusão conjugal	12
2. PROCESSO METODOLÓGICO	15
Desenho da Investigação	15
Questão Inicial, Objectivos da Investigação e Mapa Conceptual	15
Procedimento de amostragem e caracterização da amostra	16
Instrumentos utilizados	18
- E.S.C.K. - <i>Escala de Satisfação Conjugal de Kansas</i>	
- E.D.C. - <i>Escala de Desilusão Conjugal</i>	
- E.F.A.P. - <i>Escala de Confiança no Amor do Parceiro</i>	
Procedimentos da Investigação	20
Procedimentos Estatísticos	21
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	22
Normalidade e Homogeneidade	22
Análise da correlação	23
Análise da covariância	24
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	29
Relação entre Confiança no Amor do Parceiro, Satisfação Conjugal e Desilusão Conjugal	29
Relação entre os construtos mencionados e o sexo, duração da relação e residência continental vs insular	30
Variância dos construtos face ao sexo, duração da relação e residência	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

ANEXO A – INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Questionário Sócio-Demográfico

E.S.C.K. - Escala de Satisfação Conjugal de Kansas

E.D.C. - Escala de Desilusão Conjugal

E.F.A.P. - Escala de Confiança no Amor do Parceiro

APÊNDICES

APÊNDICE I - ANÁLISE ESTATÍSTICA (OUTPUTS)

Output 1: Estatísticas descritivas das variáveis dependentes

Output 3: Igualdade de Variância Sexo/Residência

Output 4: Igualdade de Covariância Sexo/Duração Relação

Output 6: Homogeneidade de Covariância Sexo/Residência

Output 8: Homogeneidade de Covariância Sexo/Duração da Relação

Output 12: Médias marginais estimadas covariáveis Sexo/Duração da Relação

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 2.</i> Análise de consistência interna para as escalas relativas à Desilusão Conjugal, Satisfação Conjugal e Confiança no Amor do Parceiro	17
<i>Tabela 5:</i> Análise das correlações entre Satisfação Conjugal, Desilusão Conjugal, Confiança no Amor do Parceiro, sexo e residência	22
<i>Tabela 7:</i> Análise da covariância das dimensões Satisfação Conjugal, Desilusão Conjugal e Amor, face ao Sexo/Residência	23
<i>Tabela 9:</i> Análise da covariância das dimensões “Satisfação Conjugal – Desilusão Conjuga – Percepções de Amor” face ao sexo/duração da relação	26
<i>Tabela 10:</i> Análise da igualdade dos valores médios duração da relação	28
<i>Tabela 11:</i> Análise das diferenças entre valores médios duração da relação	28

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

<i>cit. in</i>	Citado por
<i>e.g.</i>	Por exemplo (<i>exempli gratia</i>)
<i>et al.</i>	Do latim <i>et alii</i> , que significa “e outros”
<i>idem</i>	Na mesma obra
<i>cf.</i>	Confrontar
DP	Desvio Padrão
M	Média simples, averiguação aritmética
<i>F</i>	F de Fisher
N	Número total de casos
α	Índice de consistência interna de Cronbach
p	Nível de significância
<i>r</i>	Coefficiente de correlação do produto de <i>Pearson</i>
MANCOVA	Multivariate Analysis of Covariance
<i>t</i>	Distribuição do t de student's
Λ	Wilk's Lamb

INTRODUÇÃO:

Sendo o Homem um ser que prospera nas interações sociais, compreende-se a relevância dos inúmeros estudos e investigações que têm como enfoque as relações interpessoais e todas as vicissitudes que lhe são inerentes, especialmente as relações de intimidade e/ou familiares. A realidade do mundo é suportada através da interação com pessoas significativas, e nesta perspectiva, o casamento ocupa um lugar privilegiado entre as relações interpessoais significativas validadas pelos adultos na nossa sociedade (Berger & Kellner, 1970 *cit. in* Féres-Carneiro, 1998). Assim, a formação da conjugalidade é, numa perspectiva sistémica, um processo complexo que envolve diversos níveis do relacionamento e contextos que resultam na definição psicossocial de uma relação afectiva estável (Féres-Carneiro & Neto, 2010).

Embora seja evidente a importância desse processo de união na vida dos indivíduos, o casamento, enquanto forma mais comum de oficializar as relações de intimidade, nem sempre se imbuíu dos mesmos significados, oscilando de acordo com as constantes e naturais transformações sociais (Fonseca & Duarte, 2014). Esta constante evolução, junto com as projecções que apontam o incremento exponencial do divórcio (Bradbury, Fincham & Beach *cit. in* Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006; Kreider & Fields, 2002 *cit. in* Holland, 2012) sublinha a importância do estudo de variáveis explicativas da conjuntura actual, como a (in)satisfação conjugal, os processos afectivos e mesmo a desilusão com o casamento. Nesta perspectiva, assumindo uma abordagem holística que toma como alicerce o modelo teórico de Narciso (2001), o presente estudo propôs-se a estudar de que forma a confiança no amor do parceiro, a satisfação e a desilusão conjugal se influenciam, tentando compreender, simultaneamente, de que forma variáveis como o sexo, o local de residência e os anos de duração da relação relacionam com tais dimensões.

Embora seja evidente a importância desse processo de união na vida dos indivíduos, o casamento, enquanto forma mais comum de oficializar as relações de intimidade, nem sempre se imbuíu dos mesmos significados, oscilando de acordo com as constantes e naturais transformações sociais (Fonseca & Duarte, 2014). Esta constante evolução, junto com as projecções que apontam o incremento exponencial do divórcio (Bradbury, Fincham & Beach *cit. in* Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006; Kreider & Fields, 2002 *cit. in* Holland, 2012) sugerem a importância do estudo de variáveis explicativas da conjuntura actual, como a (in)satisfação conjugal, os processos afectivos e mesmo a desilusão com o casamento. Nesta perspectiva, assumindo uma abordagem holística que toma como alicerce o modelo teórico de Narciso (2001), o presente estudo propôs-se a estudar de que forma a confiança no amor do parceiro, a satisfação diádica e a desilusão conjugal se influenciam, tentando compreender, simultaneamente, de que forma variáveis como o sexo, o local de residência e os anos de duração da relação se relacionam com tais dimensões.

Com o intuito de aprofundar estas questões, o presente trabalho, que se insere no âmbito da Psicologia da Família – mais precisamente da Conjugalidade – adopta uma organização estrutural que se divide em várias secções: o Capítulo 1 reserva-se ao Enquadramento Teórico (satisfação conjugal, confiança no amor do parceiro e desilusão conjugal), o Capítulo 2 refere-se a todo o Processo Metodológico, o Capítulo 3 reserva-se à Apresentação dos Resultados, e o capítulo 4 à Discussão desses mesmos resultados. Termina-se com as Considerações Finais sobre o estudo e suas respectivas limitações.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

SER CASAL: A VIDA A DOIS

“A união feliz é e continuará a ser a viagem de descoberta mais importante que o homem jamais poderá empreender.”

Søren Kierkegaard

Oliveira e Krug (2010) descrevem a formação do casal como uma tarefa excepcionalmente complexa no ciclo da vida familiar, por se tratar de uma fase caracterizada por aquisições, partilhas e construção de um modelo próprio, indicador de nova família. De acordo com Relvas (1996) *“A família não nasce do nada; para se formar, transforma em património comum o que é pertença de dois... com base na negociação e renegociação”* (p. 33), ou seja, poder-se-á dizer que a relação conjugal é um agregado interactivo de perspectivas, heranças familiares e sociais e características individuais de duas pessoas numa vida que será vivida conjuntamente (Alarcão, 2006). Nesta óptica, a complexidade inerente a ser “um casal” advém da indissociabilidade de duas individualidades e uma conjugalidade, remetendo para a noção de identidade própria do casal (Ballone, 2003 *cit.in* Andrade & Silva, 2009; Féres-Carneiro, 1998) ou de ‘um e um são três’ (Caillé, 1991), significando que a díade cria o seu modelo único de ser casal – o “absoluto de casal” (Caillé, 1991) -, e será este que irá definir a sua vivência idiossincrática. Assim, o casamento, ainda que mantendo a sua identidade relacional, o seu “absoluto” (Caillé, 1991), constitui um veículo para o desenvolvimento individual, onde se manifestam as potências de cada um, e se integram na vida a dois (Paiva & Gomes, 2003).

Ao longo dos últimos 30 anos, no mundo Ocidental, foram ocorrendo grandes mudanças no casamento, no que diz respeito à sua estrutura (Atalaia & Cunha, 2011; Holland, 2012; Perlin & Diniz, 2005). Este é cada vez mais precedido pela coabitação, e tende a ocorrer em idades mais avançadas, e tanto a coabitação como o casamento enfrentam um risco mais elevado de dissolução (Holland, 2012), prevendo-se que cerca de 50% dos primeiros casamentos acabem em divórcio (Bradbury, Fincham & Beach *cit. in* Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006; Kreider & Fields, 2002 *cit. in* Holland, 2012). No entanto, e com alguma paradoxalidade dado o aumento da taxa de divórcios (Paiva & Gomes, 2003), a conjugalidade mantém-se como opção preferencial na vida adulta, e configura um rito de passagem muito significativo em várias sociedades (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). No caso concreto de Portugal, podemos denotar, a partir de uma análise com uma perspectiva longitudinal dos Censos de 1991, 2001 e 2011, que o número de pessoas a viver em casal aumentou 12.4%, sendo que, em 2011, mais de metade (53.3%) da população opta pelo casamento/união, sendo a forma predominante de organização da vida familiar no nosso país (Atalaia & Cunha, 2011).

Face a tais projecções, cada vez mais investigadores se debruçam sobre o estudo de variáveis relativas ao bem-estar, qualidade e satisfação conjugal, incluindo a desilusão e infelicidade no casamento (Niehuis & Bartell, 2006; Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). Assim, e em função dos nossos objectivos, prosseguiremos esta revisão com uma incidência particular nas variáveis satisfação, amor e desilusão conjugal.

SATISFAÇÃO CONJUGAL

"A verdadeira satisfação está no esforço, não apenas na realização final."

Mahatma Gandhi

Segundo estudos empíricos realizados por Scorsolini-Comin e Santos (2010), a satisfação com a vida está fortemente relacionada com a satisfação diádica, ou seja, com a satisfação entre cônjuges, sendo que uma vida a dois carregada de vivências positivas está directamente ligada à percepção da satisfação com a vida expressa pelos indivíduos. Estes e outros autores (Gottman, 2001; Sardinha *et al.*, 2009; Scorsolini-Comin & Santos, 2009; 2010) afirmam também que o bem-estar psicológico e social dos indivíduos – bem como a saúde em geral – encontram-se associados à conjugalidade e a uma vivência a dois. Gottman e Silver (2001) sublinham mesmo o papel da satisfação conjugal no fortalecimento do sistema imunológico do indivíduo, aumentando o seu tempo e qualidade de vida.

A satisfação conjugal é, de acordo com Narciso (2001) essencialmente influenciada por factores Centrípotos, factores Centrífugos e pelo factor Tempo ou Percurso de vida. Os primeiros dizem respeito ao que é mais intrínseco à relação diádica, nomeadamente, os processos afectivos – e.g., intimidade, compromisso, amor; os processos cognitivos – e.g., percepções, atribuições, expectativas; e processos comportamentais – e.g., comunicação, conflitos. Assim, o modo como cada cônjuge vivencia e compreende o que significa estar numa relação, compartilhando sentimentos, intimidades, desentendimentos e proximidades, afecta a sua satisfação conjugal bem como a satisfação com a própria vida (Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Outros factores – Centrífugos (Narciso, 2001) - com um forte impacto na satisfação conjugal, são mais extrínsecos ao casal em si, tais como os contextuais – e.g. a rede social, e factores macrossistémicos; e os individuais – e.g., traços

da personalidade, padrões de vinculação, e factores demográficos individuais (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006; Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009). No que se refere ao Factor Tempo ou Percurso de Vida, considera-se que a conjugalidade é um processo que não obedece a uma lógica linear; é evolutivo e composto por constantes proximidades e distâncias que apontam para a existência de várias oscilações na satisfação conjugal ao longo do tempo e em diferentes etapas do ciclo de vida familiar (Narciso, 2001). No mesmo sentido, autores como Scorsolini-Comin & Santos (2009, 2010), Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), e Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt & Sharlin (2004), afirmam que a vida conjugal se transforma ao longo do ciclo de vida familiar e, desta forma, o nível da satisfação também varia com o decorrer dos anos de convívio.

Para Norgren *et al.* (2004), a satisfação conjugal decorre sobretudo de uma avaliação pessoal de factores relacionados com intimidade, a partir do grau de equivalência entre aquilo que se espera de um relacionamento e aquilo que se vivencia nele. Assim sendo, é fundamental para o bem-estar, visto que reflecte uma avaliação positiva do outro e da relação em causa (Narciso & Ribeiro, 2009), e implica sentir as necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder às expectativas do outro (Norgren *et al.*, 2004). De igual modo, Figueiredo (2005), McNulty e Karney (2004), Ribeiro *et al.* (2011), Sardinha *et al.* (2009), e Scorsolini-Comin e Santos (2009, 2010), afirmam que a satisfação conjugal decorrerá de uma comparação entre as expectativas construídas pelos indivíduos acerca do casamento e a realidade entendida e vivenciada pelos mesmos. Féres-Carneiro (1998) sublinha mesmo que, dadas as elevadas expectativas em relação ao casamento, as pessoas podem não suportar a frustração, quando estas não são satisfeitas.

O reconhecimento, por parte dos estudiosos da conjugalidade, de que os homens e as mulheres vivenciam o casamento de forma diferente (Jackson *et al.*, 2014) aponta para a

pertinência da averiguação de diferenças entre sexo no que diz respeito à satisfação conjugal. No atinente a estas dimensões, a literatura alude a uma crescente divergência de perspectivas, dividindo-se entre resultados que auferem diferenças na satisfação conjugal entre homens e mulheres - sendo tendencialmente inferior nas mulheres (Orathinkal & Vansteenwegen, 2007; Perlin & Diniz, 2005 *cit. in* Scorsolini-Comin & Santos, 2010), e resultados que demonstram inexistência de discrepâncias significativas entre sexos (Jackson *et al.*, 2014). Da mesma forma, também se encontram divergências no género no que diz respeito ao que constitui um preditor de satisfação na relação. Faulkner, Davey e Davey, (2004) verificaram, num estudo longitudinal, que, para as mulheres, a satisfação conjugal encontra-se relacionada com a sua vida profissional, dada a sobrecarga de tarefas profissionais e domésticas. No mesmo sentido, alguns autores concluem que as mulheres trabalham, pelo menos duas vezes mais que os homens (Coltrane, 2000 *cit. in* Jablonsky, 2010), o que conduz ao seu efectivo decréscimo na satisfação com a relação conjugal. Já para sexo masculino, o decréscimo da satisfação conjugal parece estar associada a crenças mais tradicionais acerca dos papéis de género (Faulkner, Davey & Davey, 2004).

Por outro lado, a ideia de que a satisfação “dele e dela” não são assim tão díspares é um fenómeno que começa a ter uma representação relevante. Num estudo realizado por Jackson *et al.*, (2014), verificou-se a inexistência de diferenças significativas entre homens e mulheres no que concerne à satisfação conjugal. Os autores supõem que este resultado se deve às mudanças nos papéis de género que têm vindo a ocorrer nas últimas décadas, como a sucessiva profissionalização das mulheres e a sua conquista do espaço público (Aboim, 2006). Desta forma, embora seja evidente que as mulheres abarcam a maior parte das tarefas relativas à vida familiar e doméstica, a discrepância entre homens e mulheres relativa a estas

responsabilidades tem sido consideravelmente mitigada (Sayer, 2005 *cit. in* Jackson *et al.*, (2014).

Num estudo acerca da satisfação conjugal em casamentos de longa duração (mais de 20 anos) de Norgren *et al.* (2004), ao compararem casais satisfeitos e insatisfeitos em relações de longa duração (mais de 20 anos), puderam verificar que associações positivas entre satisfação e proximidade emocional, estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, qualidade positiva da comunicação, satisfação com a situação económica e práticas religiosas. Ao estudarem a importância das competências sócio-emocionais na satisfação conjugal, Sardinha *et al.* (2009) verificaram, a partir dos dados obtidos, que a empatia se relaciona directa e significativamente com todos os aspectos da satisfação conjugal, considerando que, quanto maior o grau de empatia percebido no cônjuge, maiores os níveis de satisfação. Os dados deste estudo sugerem também que a capacidade de expressão adequada de sentimentos por um dos elementos do casal, aumenta a probabilidade de o cônjuge manifestar comportamentos e atitudes que contribuam para a satisfação conjugal, sublinhando a importância dos processos afectivos na satisfação de uma vida a dois.

PROCESSOS AFECTIVOS: O PAPEL DO AMOR

“Os amantes podem ser elusivos, mas ao serem-no, espelham ainda assim o fenómeno do amor.”

Robert Sternberg

Segundo Lieberman e Hatfield (2006, *cit. in* Grossi, 2012), o amor enquanto pressuposto filosófico tem sido largamente estudado, e será tão antigo quanto a própria

humanidade. No entanto, o amor romântico¹ é um conceito relativamente moderno. A análise da literatura revela que a subjectividade inerente a este conceito impede uma definição consensual entre autores (Noller, 1996; Fehr, 1998). Não obstante esta falta de unanimidade no que diz respeito à sua conceptualização, a literatura sublinha os conceitos de “paixão”, “intimidade” e “compromisso” de forma consensual e consistente, considerando-os componentes principais do amor (Ackerman *et al.* 2011; ; Fehr, 1988; Noller, 1996; Sternberg, 1986). A Teoria de Triangulação do Amor de Sternberg (Sternberg, 1997) clarifica o significado de cada um deles: a intimidade refere-se aos sentimentos de proximidade e conexão/ligação com o parceiro amoroso; a paixão sugere o impulso para o romance, atracção física e consumação sexual entre parceiros envolvidos numa relação amorosa; e, por fim, o compromisso concerne, a curto prazo, à decisão do indivíduo em amar outrem, e, a longo prazo, à decisão de manter esse amor. Segundo o autor, estes três componentes do amor interagem dinamicamente uns com os outros. Por outro lado, embora possamos identificá-los como consensuais na literatura, há que considerar que, em vários estudos, as fronteiras entre cada um destes conceitos são algo permeáveis e pouco claras (Fehr, 1988), o que acaba por concorrer para a já mencionada dificuldade de conceptualização do amor. Apesar desta dificuldade de conceptualização, é unânime a importância que o amor assume nas relações interpessoais e nas diferentes sociedades (Fenchel, 2013; Grossi, 2002; Neves, 2007). Segundo Beck e Beck-Gernsheim, (1995, *cit. in* Grossi, 2002), o amor tornou-se o sentimento nuclear da vida, e o mais importante na sociedade, sendo considerado o verdadeiro objectivo existencial dos nossos tempos, capaz

¹Com a divergência e abordagens não consensuais acerca do conceito de amor, vários autores consideram pertinente a sua conceptualização em diferentes tipos, como o amor entre membros da mesma família, amor entre amigos, etc. (eg. Ackerman *et al.*, 2011; Lee, 1973/76, *cit. in* Hendricks e Hendriks, 1986). No entanto, como o presente estudo tem como intuito o estudo de relações conjugais, a presente pesquisa bibliográfica e a investigação empírica debruçam-se apenas sobre o tipo de amor que as suporta, denominado na literatura por “amor romântico” (Ackerman *et al.*, 2011; Acevedo & Aron, 2009; Neff & Karney, 2005)

de dotar os indivíduos de uma sensação de valor próprio. Para Fenchel (2013), quando se experienciam sentimentos de amor, os indivíduos sentem que não precisam fingir que são algo que não são, podendo ser eles próprios sentir-se aceites mesmo assim, pois a empatia que sentem pelo seu/sua companheiro/a permite uma maior compreensão do outro, e uma maior aceitação das suas falhas e defeitos.

O amor, sendo simultaneamente agente e produto da relação (Narciso, 2001), surge como um construto de extrema importância no que diz respeito ao casamento, particularmente na cultura ocidental (Acevedo & Aron, 2009), onde se assume que duas pessoas só se casam quando existe amor entre elas (Spreecher & Toro-Morn, 2002). Os indivíduos idealizam e perspectivam a construção de um projecto de vida com aqueles que amam, e assim estabelecem as suas relações conjugais (Otramari, 2009), sendo, então, a relação de amor o alicerce da construção do casamento (Aboim, 2006). Neste sentido, as grandes mudanças que se fizeram sentir em relação ao casamento ao longo das últimas décadas, quer no que diz respeito à sua estrutura (Atalaia & Cunha, 2011; Holland, 2012; Perlin & Diniz, 2005), quer no que concerne a privilegiar o amor e noção de privacidade da esfera familiar, traduzem uma conceptualização de casamento como sinónimo de amor, e este, por sua vez, como sinónimo de bem-estar (Aboim, 2006). Contudo, expectativas irrealistas em relação ao que o amor romântico, pressupondo que o amor, por si só, providenciará felicidade e um sentido de realização permanente, sem que seja necessário um esforço pró-activo para o desenvolvimento da relação, estão associadas a uma maior probabilidade de a relação amorosa falhar ou ser muito pouco satisfatória (Branden, 1988 *cit. in* Noller, 1996).

Independentemente da existência de vários estudos que afirmam que o amor romântico sofre um claro declínio ao longo do tempo da relação (Hatfield, Pillemer, O'Brien, & Li, 2008, Niehuis, Reifman, & Lee, 2013; Neff & Karney, 2005; Wojciszke,

2002 *cit in*. Sheets, 2014), o amor de longa duração, com todas as características que lhe são inerentes (e.g. o interesse sexual, intensidade de afectos), tem-se demonstrado um fenómeno que propicia o bem-estar dos indivíduos, estando positivamente relacionado com a satisfação conjugal, saúde mental e bem-estar geral (Sheets, 2014). Autores como Acevedo e Aron, (2009) supõem que a tendência de se presumir que o amor romântico é incompatível com a longa duração de uma relação se deve a uma indiferenciação entre amor romântico e o amor apaixonado (ou paixão), dado que este último, predominante no início das relações, inclui comportamentos obsessivos, sentimentos de ambivalência e ansiedade. Neste sentido, os resultados obtidos através de 25 estudos realizados pelos referidos autores, mostram que, à semelhança do que sucede nas relações recentes, existe uma forte correlação entre o amor romântico e a satisfação conjugal nas relações de longa-duração (Acevedo & Aron, 2009).

No que se refere a diferenças de sexo, os papéis de género em torno do amor romântico, parecem relacionar-se com diferentes manifestações de intimidade e amor (Neves, 2007). Classicamente e de forma algo estereotipada, qualidades expressivas do amor e da intimidade são vulgarmente reconhecidas como preocupações femininas (Araújo, 2003). Na mesma linha de ideias, um estudo empírico recente de Ackerman *et al.*(2011) aponta que, tanto os homens como as mulheres acreditam que são as mulheres as primeiras a confessar sentimentos de amor numa relação diádica. No entanto, essas crenças não reflectem a realidade verificada no mesmo estudo, pois, quando aprofundado o que realmente aconteceu nas relações presentes e passadas dos sujeitos, constatou-se serem os homens quem primeiro expressa sentimentos de amor. Este facto não representa apenas os estereótipos tradicionais de género que sugerem que os homens assumem um papel pró-activo na iniciação das relações e as mulheres como reactivas, aceitando ou recusando as intenções masculinas (Neves, 2007), mas sim resultados concretos que apontam que os

homens tendem a exprimir os seus sentimentos de amor, em média, seis semanas antes das mulheres (Ackerman *et al.*, 2011).

DESILUSÃO CONJUGAL

"Há ilusões que se parecem com a luz do dia; quando acabam, tudo com elas desapareceu."

Marguerite Duras

Para alguns autores, o decurso do casamento é caracterizado por uma alteração gradual nas avaliações acerca do mesmo, sendo que os sentimentos de felicidade e optimismo, demonstrados no início, se vão deteriorando ao longo do tempo (Birditt *et al.*, 2012; Neff & Karney, 2005). As pessoas, que na fase inicial da relação, têm uma maior preocupação em impressionar o outro, uma vez em conjugalidade, sentem-se menos motivadas para impressionar o cônjuge e têm mais dificuldade em manter uma imagem idealizada deste (Niehuis & Bartell, 2006; Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). Assim, as idealizações dão lugar a imagens mais realistas e a intensidade do romance tende a enfraquecer, o que leva à desilusão conjugal, e, em alguns casais, ao eventual divórcio (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). A desilusão reflecte, pois, uma mudança ao nível da qualidade e satisfação conjugal ao longo do tempo (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). As estatísticas previamente mencionadas acerca da grande representação do divórcio nos países ocidentais, aliadas aos custos potenciais das crises conjugais², têm despoletado um maior

²e.g. stress (Kitson & Morgan; 1990 *cit. in* Noller, 1996), gastos financeiros (Larson, Swyers, & Larson, 1995 *cit. in* Williams, 2009).

número de estudos que focam a sua atenção na desilusão conjugal como preditora do divórcio (Niehuis & Bartell, 2006), o que explica a pertinência do aprofundamento do seu estudo, em particular, no contexto português, onde a taxa de divórcios tem vindo a sofrer uma subida abrupta.

A desilusão tem sido medida em estudos longitudinais como a representação de uma *mudança factual*, bem como em estudos transversais, como uma *percepção de mudança* (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). Estes autores presumem que a desilusão – seja factual ou percebida – representa a disparidade entre aquilo que os casais experienciaram anteriormente ao casamento e a realidade do dia-a-dia após o casamento. Como vimos anteriormente no que concerne à satisfação conjugal, a avaliação que os cônjuges fazem da sua relação depende fortemente da comparação entre as expectativas construídas e a realidade vivenciada (Figueiredo, 2005; McNulty & Karney, 2004; Ribeiro *et al.*, 2011; Sardinha *et al.*, 2009; Scorsolini-Comin & Santos, 2009, 2010). No entanto, não existe unanimidade acerca do efeito das expectativas na conjugalidade. Uma das linhas de investigação defende que expectativas positivas conduzem a resultados positivos como o funcionamento saudável da relação (McNulty & Karney, 2004). Por outro lado, as expectativas positivas poderão levar a desilusões e, conseqüentemente, disfuncionalidade conjugal e frustração (Bonds-Raacke *et al.*, 2001; Féres-Carneiro 1998; Wright *et al.*, 2007 *cit. in* Fonseca & Duarte, 2014). Corroborando esta última perspectiva, Karney e Bradbury (1997 *cit. in* Sprecher, 1999) afirmam que, quando os indivíduos têm crenças ou expectativas extremamente positivas em relação aos atributos ou qualidades do seu cônjuge ou da sua relação, a incapacidade destes de corresponder a estas expectativas poderá levar à desilusão conjugal. Esta bipolaridade de perspectivas parece estar relacionada aos diferentes objectivos que as expectativas podem cumprir – objectivos que motivam e encorajam a

confirmação, demonstrando-se benéficas, ou contrariedades com as quais o casal compara a sua relação actual, o que resulta numa avaliação mais negativa por parte dos mesmos (McNulty & Karney, 2004).

Segundo o estudo de Niehuis e Bartell (2006), que teve como intuito o desenvolvimento da Escala de Desilusão Conjugal/Relacional (instrumento utilizado no presente estudo), quanto maior a desilusão conjugal, maior o declínio no amor, nas expressões de afecto e nas percepções acerca das respostas³ dos cônjuges, enquanto os sentimentos de ambivalência aumentam. No mesmo sentido, os autores verificaram que indivíduos com maior desilusão conjugal revelam menor satisfação conjugal.

Mais recentemente, Niehuis, Reifman e Lee (2013) aprofundaram a temática da desilusão, apontando o seu carácter preditivo. Os resultados apontam que a desilusão, entendida como uma percepção de mudança para o pior, prediz a percepção da probabilidade de separação do casal mais adequadamente do que variáveis como a satisfação, compromisso ou duração da relação.

No que diz respeito a diferenças entre sexos, Niehuis, Reifman, e Lee, (2013) auferem que as mulheres têm resultados relativamente mais altos que os dos homens, no que concerne à desilusão conjugal. Tal resultado pode dever-se ao facto de as mulheres serem mais sensíveis à desilusão nas suas relações porque, tradicionalmente, tendem a ser mais sobrecarregadas com tarefas domésticas do que os homens, e isto acaba por ter um efeito na relação conjugal. Os autores concluíram também que desilusão dos homens está directamente relacionada com a probabilidade de separação percebida pelas mulheres, e a satisfação conjugal das mulheres é preditora de uma baixa probabilidade de separação

³ Tradução de *responsiveness*.

percebida pelos homens. De uma forma especulativa, os autores sugerem que estes resultados se podem explicar pelo facto de as mulheres estarem sintonizadas com a emoção negativa dos homens ao avaliar o estado da relação, enquanto os homens se centram na emoção positiva das mulheres (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013).

2. PROCESSO METODOLÓGICO

DESENHO DO ESTUDO⁴

O presente estudo, de natureza exploratória, enquadra-se no âmbito da Psicologia, particularmente, na área da conjugalidade heterossexual. Face aos objectivos que a seguir se enunciam, optámos por um desenho metodológico quantitativo.

QUESTÃO INICIAL, OBJECTIVOS E MAPA CONCEPTUAL

A presente investigação desenvolveu-se a partir de uma interrogação central – *A Satisfação Conjugal, o Amor e a Desilusão Conjugal – e as suas relações -, são influenciadas pelo sexo, duração da relação e residência continental vs. insular?* – que nos levou a estabelecer os seguintes objectivos centrais:

- analisar a relação entre as variáveis ‘amor’, ‘satisfação conjugal’, e ‘desilusão conjugal’;
- verificar a influência de variáveis como sexo, duração da relação e residência continental vs. insular dos participantes nas variáveis consideradas.

⁴ Este estudo está integrado no âmbito do projecto de doutoramento da Dra. Ana Duarte Branquinho, orientado pela Professora Doutora Isabel Narciso e pela Professora Dra. Carla Crespo, da FPUL, sobre Identidade Conjugal

Na Figura. 1, apresenta-se uma representação gráfica dos principais conceitos e da relação entre as variáveis previamente mencionadas, de modo a permitir uma compreensão holística dos nossos objectivos. Como se pode verificar, a satisfação conjugal, o amor e a desilusão conjugal surgem em interacção, como se fossem “engrenagens” que se relacionam e influenciam mútua e bidireccionalmente, estando contidas num quadro maior que representa a conjugalidade. A relação entre estes três construtos é apresentada sob a potencial influência dos factores sexo, residência e duração da relação.

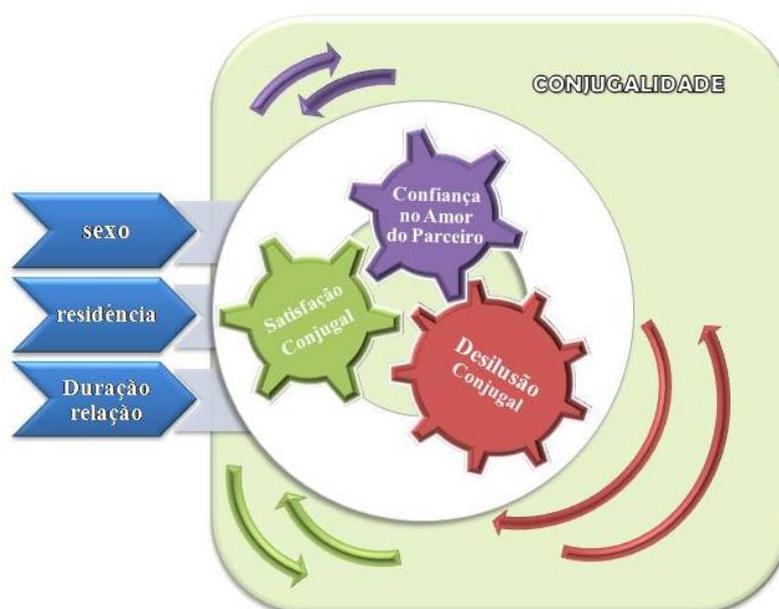


Figura 1. Mapa Conceptual

PROCEDIMENTO DE AMOSTRAGEM E CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Trata-se de uma amostra não-probabilística, tendo sido utilizada a estratégia de amostragem por conveniência, com recurso ao método “bola de neve”. A amostra deste estudo (cf. *Tabela 1*) é composta por 39 indivíduos do sexo masculino (48.8%) e 41 do sexo

feminino (51.3%), (N=80) com idades compreendidas entre os 23 e os 58 anos (M=37.41; D.P.= 7.91). No que concerne ao local de residência, 47.5% residem na Região Autónoma do Açores e os restantes 52.7% residem em Portugal Continental (a grande maioria reside em Lisboa (46.3%). No que diz respeito às habilitações literárias, a maioria completou ensino superior (40%), 32.5% têm entre 10 a 12 anos de escolaridade, 10% têm entre 7 a 9 anos de escolaridade, e 3.8% têm entre 5 e 6 anos de escolaridade.

No atinente à configuração relacional, 57.5% da amostra está casada e os restantes 42.5% vivem em união de facto. Quanto à duração da relação, esta varia entre 3 a 32 anos⁵, sendo que 51.3% estão numa relação com duração igual ou inferior a dez anos, e 48.7% estão numa relação há mais de onze anos. Relativamente à filiação, 41.3% da amostra tem um filho, 25% tem dois filhos, 2.5% tem 3 ou mais filhos e 31.3% não tem filhos.

Tabela 1. Análise de frequência da amostra

		Frequency	Percent
Sexo	- Mulheres	41	51,3
	- Homens	39	48,8
Estado civil	- Casado	46	57,5
	- União de facto	34	42,5
Duração da relação ⁶	- ≤10 anos	41	51,3
	- > 11 anos	39	48,8
Residência	- Continente	38	47,5
	- R.A. Açores	42	52,5

⁵ Devido à heterogeneidade do tempo de relação, optou-se pela separação desta variável em dois grupos de acordo com a sua respectiva mediana (10,00): grupo de indivíduos casados há menos de 10 anos (inclusive), e grupo de indivíduos casados há mais de 11 anos.

⁶ Considerando a extensão e variedade dos anos de relação da amostra, pressupôs-se relevante a sua divisão de acordo com a respectiva mediana (10,00) em dois grupos: indivíduos casados/em união de facto há menos de 10 anos (inclusive) e indivíduos casados/em união de facto há mais de 11 anos (inclusive).

Escolaridade	- 10 a 12 anos	26	32,5
	- 5 a 6 anos	3	3,8
	- 7 a 9 anos	8	10,0
	- Ensino superior	32	40,0
	- Freq. Universitária	11	13,8
Nº de filhos	- Nenhum	25	31,3
	- 1	33	41,3
	- 2	20	25,0
	- 3 +	2	2,5

INSTRUMENTOS⁷

Questionário sócio-demográfico

Para recolha dos dados gerais foi utilizado um questionário sóciodemográfico constituído por questões de resposta rápida, relativamente a variáveis sociodemográficas (e.g., sexo, idade, região de residência,, nível de escolaridade, , profissão, situação relacional, tempo de relação, filhos).

EDR - Escala de Desilusão Conjugal/Relacional (tradução da escala original *The Marital/Relationship Desillusionment Scale*, Niehuis & Bartell, 2006; Niehuis, Reifman & Lee (2010)⁸);

Esta escala de 10 itens desenvolvidos numa escala de Lickert de 5 pontos (que varia entre (1) *Discordo Fortemente*, a (5) *Concordo Fortemente*), reflecte o declínio nos afectos positivos acerca das percepções do cônjuge/companheiro e do casamento/união, bem como o correspondente aumento dos afectos e percepções negativas em relação ao

⁷ Cf. Anexo A

⁸ A escala original *The Marital Disillusionment Scale*, desenvolvida em 2006 por Niehuis & Bartell é composta por 16 itens; No entanto, no presente estudo foi utilizada a versão revista e adaptada por Niehuis, Reifman & Lee (2010) no sentido de englobar outras configurações conjugais, como a coabitação, e encurtar a sua extensão (devido a limitações alheias aos autores), e a sua denominação foi alterada para *The Relationship Disillusionment Scale*. Considerando os critérios de escolha da amostra do presente estudo – casais casados ou em união de facto – considerou-se pertinente a eleição da versão adaptada.

cônjuge/companheiro e ao casamento/união (Niehuis & Bartell, 2006). Esta escala correlaciona-se com outras escalas de medida que avaliam: a) alterações nas demonstrações de amor em relação ao cônjuge/companheiro; b) expressões de afecto em relação ao cônjuge/companheiro; c) percepções sobre as capacidades de resposta do parceiro; e d) sentimentos de ambivalência em relação com cônjuge/companheiro no decurso do casamento/união. O valor do *alpha de Cronbach* para o presente estudo é .98, representando uma consistência interna muito adequada.

E.S.C.K. – Escala de Satisfação Conjugal de Kansas (tradução do original *Kansas Marital Satisfaction Scale*, Schumm *et al.* 1986; versão portuguesa de Antunes, Francisco, Pedro, Ribeiro & Santos, 2014)

A Escala de Satisfação Conjugal de Kansas é um questionário de auto-relato que avalia a satisfação conjugal, e consiste em três questões: “*Em que medida está satisfeito/a com a sua relação de casal?*”; “*Em que medida está satisfeito/a na sua relação com o/a seu/sua companheiro/a?*”; e “*Em que medida está satisfeito/a com o/a seu/sua companheiro/a enquanto cônjuge?*”. Os inquiridos respondem numa escala de Likert de sete pontes (desde (1) *Extremamente Insatisfeito* a (7) *Extremamente Satisfeito*). Este questionário é um instrumento que possibilita uma rápida e económica avaliação da satisfação com o casamento. A maior parte das mais recorrentes escalas de satisfação conjugal tem uma extensão de cerca de 15 itens, e a ESCK tem apenas 3. No entanto, esta fornece ao investigador o mesmo nível de confiabilidade total que as demais (Schumm *et al.* 1986). Apresenta uma consistência interna adequada (*alpha de Cronbach* de .91).

E.F.A.P. - Escala de Confiança no Amor do Parceiro (tradução da escala original *Faith in Partner's Love Scale*, Murray, Pinkus, Holmes, Harris, Gomillion, Aloni, Derrick & Leder, 2011).

Adaptada de Murray, Leder, *et al.* (2009), esta escala é constituída por 22 itens no total (23 itens na versão original). Os participantes respondem através de uma escala de Lickert de cinco pontos (desde (1) *Discordo Fortemente* a (5) *Concordo Fortemente*). Esta escala avalia a confiança no amor e compromisso do/a parceiro/a, através de itens como: “O/A meu/minha companheiro/a ama-me e aceita-me incondicionalmente”, e “Estou confiante que o meu/minha companheiro/a irá sempre querer permanecer na nossa relação”. Os níveis de consistência interna revelaram-se muito satisfatórios, com um *alpha* de Cronbach de .86.

PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO

Para efeito da investigação, procurou-se essencialmente uma amostra de casais, sendo que as características fundamentais para a inclusão de participantes na amostra foram as seguintes: casais heterossexuais numa qualquer configuração de uma relação conjugal (união de facto, casamento civil, recasamento ou outra) e que vivessem uma situação relacional de coabitação.

A recolha da amostra foi efectuada presencialmente e através de formato em papel. Foi entregue, a cada um dos participantes, um envelope que continha uma folha com informações sobre os objectivos do estudo, a solicitação de participação voluntária, o

consentimento informado, as instruções de preenchimento, um protocolo composto por um questionário de dados sócio-demográficos, e um conjunto de escalas e questionários⁹.

Do ponto de vista ético, primou-se por garantir aos sujeitos a confidencialidade dos dados, o direito à privacidade, o anonimato e a espontaneidade da sua participação.

PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Após a devida recolha e inserção dos dados, e considerando os objectivos a que esta investigação se propõe, procedeu-se ao seu tratamento estatístico, com a recorrência ao programa *SPSS (Statistical Package for the Social Science)*, versão 22.

Num primeiro momento, procedeu análise estatística das frequências e percentagens, objectivando a descrição da amostra. Avaliou-se, ainda, a fidelidade dos resultados mediante o cálculo do coeficiente de consistência interna (*alpha de Chronbach*), a normalidade da amostra (*Kolmogorov-Smirnov*), a sua homogeneidade (teste de *Levene*), e utilizaram-se testes paramétricos (*Pearson*; teste-*t*; MANCOVA).

⁹Para além das três escalas mencionadas neste estudo, eram também parte integrante do protocolo utilizado a Escala de Identidade Conjugal, a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (Narciso & Costa, 1996); a Escala de Fé na Presença do Parceiro (tradução da escala original *Faith in Partner's Closeness*, de Murray, Pinkus, Holmes, Harris, Gomillion, Aloni, Derrick & Leder, 2011), e a Escala de Identidade Relacional (tradução da escala original *Relational Identity Scale*, de Acitelli, Rogers & Knee, 1999).

3. RESULTADOS

Primeiramente, foi feita a análise estatística para cada dimensão estudada (cf. Anexo B, *output* 1). As pontuações médias obtidas na escala relativa à desilusão conjugal (EDR), numa escala de medida que pontua de (1) *Discordo Fortemente*, a (5) *Concordo Fortemente*) tiveram uma média de resposta de 1.5, com um desvio-padrão de .53; a escala relativa à satisfação conjugal (ESCK), que pontua os diferentes itens entre (1) *Extremamente Insatisfeito* a (7) *Extremamente Satisfeito*, teve uma média de resposta de 6.14, com um desvio-padrão de .80, e a escala relativa ao amor (EFAP), que mede os itens entre (1) *Discordo Fortemente* e (5) *Concordo Fortemente*, teve uma média de 3.8, com desvio-padrão de .41.

Normalidade e Homogeneidade

No que diz respeito à qualidade dos dados (cf. Tabela 2), como mencionado anteriormente, através da análise do *alpha de Cronbach* verificou-se a adequação dos valores para cada uma das escalas utilizadas: a EDR (10 itens) com um alpha de .90; a EFAP (de 22 itens) de .86, e a ESCK (3 itens) de .91. sendo que a proximidade do valor 1 aponta para as suas respectivas fiabilidades (Pallant, 2005).

Tabela 2. Análise de consistência interna para as escalas relativas à Desilusão Conjugal, Satisfação Conjugal e Amor

	<i>α</i>	<i>itens</i>
EDR	.98	10
ESCK	.91	3
EFAP	.86	22

No que se refere à análise da distribuição da amostra global, verificou-se que não se pode assumir a sua normalidade, tal como é indicado pelos testes de *Kolmogorov-Smirnov* relativos à satisfação conjugal (ESCK) e desilusão conjugal (EDR) ($p < .000$) (Pallant, 2005). No que concerne à homogeneidade, o *Teste de Levene* permitiu a verificação da igualdade da variância ($p > .05$) da amostra para todas as variáveis, excepto para o amor ($p = .43$), analisado em função das covariáveis “sexo/duração da relação”.¹⁰ Ainda que este valor se encontre numa posição de corte, procedeu-se à realização do *teste t* (cf. *Tabela 12*) para aprofundamento deste resultado.

Análise da Correlação:

Como podemos ver a partir da tabela abaixo (cf. *Tabela 5*), existem correlações significativas no que diz respeito às variáveis dependentes. A confiança no amor do parceiro (EFAP) encontra-se correlacionada tanto com a desilusão (EDR) como com a satisfação conjugal (ESCK). Esta correlaciona-se negativamente com a EDR, o que significa que quanto maior a confiança no amor do parceiro, menor a desilusão conjugal ($r = -.49$; $p < .000$). A correlação directa entre EFAP e ESCK aponta que, quanto maior for a confiança no amor do parceiro, maior também a satisfação conjugal ($r = .55$; $p < .000$). Paralelamente, quanto maior for a satisfação, menor a desilusão conjugal ($r = -.73$; $p < .000$).

Tabela 5: Análise das correlações entre Satisfação Conjugal, Desilusão Conjugal, Confiança no Amor do Parceiro, sexo e residência

EDR	ESCK	EFAP	Sexo	Duração
-----	------	------	------	---------

¹⁰ Apêndice I, *output 3*

		Relação				
EDR	Pearson Correlation	1				
	Sig. (2-tailed)					
	N	80				
ESCK	Pearson Correlation	-.731**	1			
	Sig. (2-tailed)	.000				
	N	80	80			
EFAP	Pearson Correlation	-.487**	.530**	1		
	Sig. (2-tailed)	.000	.000			
	N	80	80	80		
Sexo	Pearson Correlation	.005	.032	-.068	1	
	Sig. (2-tailed)	.963	.778	.550		
	N	80	80	80	80	
Duração Relação	Pearson Correlation	.016	.107	.180	-.040	1
	Sig. (2-tailed)	.886	.345	.110	.724	
	N	80	80	80	80	80

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Podemos, assim, verificar que todas as variáveis dependentes se correlacionam moderadamente entre si (valores intermédios entre -1 e +1) (Pallant, 2005), seja numa direcção directa ou negativa. Por outro lado, as diferenças encontradas na correlação entre as variáveis dependentes e a duração da relação e local de residência não se verificaram significativas.

Análise da Covariância

Neste ponto, assumiu-se a pertinência de estudar em que medida as variáveis sexo, residência e duração da relação se relacionam com a satisfação conjugal, desilusão conjugal e a confiança no amor do parceiro. Compreendendo a natureza categorial das variáveis residência (Continente e R.A.A.) e duração da relação (≤ 10 anos e ≥ 11 anos) e a natureza contínua das dimensões supramencionadas, supôs-se a relevância da utilização da MANCOVA. Este teste avalia as diferenças estatísticas de várias variáveis contínuas através de uma variável independente, enquanto controla uma terceira variável – a covariável (Fair, Black & Babin, 2009). Após a verificação da homogeneidade das covariáveis

sexo/residência ($p = .056$; $p > .001$)¹¹, procedeu-se, então, à análise da variância (cf. *Tabela 7*).

Tabela 7: Análise da covariância das dimensões satisfação conjugal, desilusão conjugal e confiança no amor do parceiro, face ao sexo/residência

Effect		Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared	
Intercept	Pillai's Trace	,910	246,688 ^b	3,000	73,000	,000	,910	
	Wilks'	,090	246,688 ^b	3,000	73,000	,000	,910	
	Lambda							
	Hotelling's Trace	10,138	246,688 ^b	3,000	73,000	,000	,910	
	Roy's Largest Root	10,138	246,688 ^b	3,000	73,000	,000	,910	
	Roy's Largest Root	,048	1,175 ^b	3,000	73,000	,325	,046	
	Sexo	Pillai's Trace	,012	,306 ^b	3,000	73,000	,821	,012
Wilks'		,988	,306 ^b	3,000	73,000	,821	,012	
Lambda								
Hotelling's Trace		,013	,306 ^b	3,000	73,000	,821	,012	
Roy's Largest Root		,013	,306 ^b	3,000	73,000	,821	,012	
Residência (2 grupos)		Pillai's Trace	,005	,133 ^b	3,000	73,000	,940	,005
		Wilks'	,995	,133 ^b	3,000	73,000	,940	,005
	Lambda							
	Hotelling's Trace	,005	,133 ^b	3,000	73,000	,940	,005	
	Roy's Largest Root	,005	,133 ^b	3,000	73,000	,940	,005	
	Sexo/Residência	Pillai's Trace	,034	,854 ^b	3,000	73,000	,469	,034
		Wilks'	,966	,854^b	3,000	73,000	,469	,034
Lambda								
Hotelling's Trace		,035	,854 ^b	3,000	73,000	,469	,034	
Roy's Largest Root		,035	,854 ^b	3,000	73,000	,469	,034	

a. Design: Intercept + Sexo + Residência + Sexo * Residência

b. Exact statistic

De acordo com os valores de Lambda de Wilks' as variáveis dependentes combinadas não estão relacionadas com as variáveis independentes de forma relevante

¹¹ cf. Apêndice I, *output 6*

($F(3.73) = .85$; $p = .47$; Wilks' $\Lambda = .97$), ou seja, ao testarmos o efeito do factor “Sexo/Residência” nas dimensões (satisfação conjugal, desilusão conjugal e confiança no amor do parceiro), verifica-se, com um grau de confiança de 95%, que as covariáveis não fizeram variar, e forma estatisticamente significativa, os valores médios das respostas.

De seguida, a assumpção preliminar da homogeneidade das covariáveis sexo/duração da relação ($p > .001$)¹² permitiu a análise de variância no que diz respeito às três dimensões em estudo, apresentada abaixo (cf. *Tabela 9*).

Tabela 9: Análise da covariância das dimensões satisfação conjugal – desilusão conjugal – percepções de amor, face ao sexo/duração da relação

Effect	Value	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared	
Intercept	Pillai's Trace	,900	219,068 ^b	3,000	73,000	,000	,900
	Wilks'	,100	219,068 ^b	3,000	73,000	,000	,900
	Lambda						
	Hotelling's Trace	9,003	219,068 ^b	3,000	73,000	,000	,900
	Roy's Largest Root	9,003	219,068 ^b	3,000	73,000	,000	,900
Sexo	Pillai's Trace	,019	,473 ^b	3,000	73,000	,702	,019
	Wilks'	,981	,473 ^b	3,000	73,000	,702	,019
	Lambda						
	Hotelling's Trace	,019	,473 ^b	3,000	73,000	,702	,019
	Roy's Largest Root	,019	,473 ^b	3,000	73,000	,702	,019
Duração Relação (2 grupos)	Pillai's Trace	,096	2,572 ^b	3,000	73,000	,061	,096
	Wilks'	,904	2,572 ^b	3,000	73,000	,061	,096
	Lambda						
	Hotelling's Trace	,106	2,572 ^b	3,000	73,000	,061	,096
	Roy's Largest Root	,106	2,572 ^b	3,000	73,000	,061	,096
Sexo/Duração Relação	Pillai's Trace	,056	1,437 ^b	3,000	73,000	,239	,056
	Wilks'	,944	1,437^b	3,000	73,000	,239	,056
	Lambda						
	Hotelling's	,059	1,437 ^b	3,000	73,000	,239	,056

¹² cf. Apêndice I, *output 8*

	Trace						
	Roy's Largest	,059	1,437 ^b	3,000	73,000	,239	,056
	Root						
a. Design: Intercept + Idade + Sexo + AnosRel.grupo + Sexo * AnosRel.grupo							
b. Exact statistic							

À semelhança dos resultados anteriores, verifica-se que as covariáveis não estão relacionadas com as variáveis dependentes de forma relevante para o estudo [$F(3.73) = 1.44$; $p = .24$; Wilks' $\Lambda = .94$], ou seja, verifica-se, com um grau de confiança de 95%, que a influência das covariáveis sexo/duração da relação não resultou na variância estatisticamente significativa das médias das respostas relativas à satisfação conjugal, desilusão conjugal e amor.

Em suma, podemos verificar a partir da análise, e com um grau de confiança de 95% que o efeito combinado dos factores sexo/residência e sexo/duração da relação não produz diferenças significativas nas três variáveis dependentes.

Por outro lado, como mencionado anteriormente, os testes preliminares permitiram assegurar que não existia uma igualdade das variâncias ($p < .05$) no que diz respeito à variável categorial “duração da relação” no que concerne à dimensão confiança no amor do parceiro¹³, de modo que se optou pela realização do teste t para a análise de igualdade dos valores médios. Os resultados, apresentados nas Tabelas 10 e 11, indicaram que os valores médios dos indivíduos numa relação há menos de dez anos ($M_{\leq 10 \text{anos}} = 3.8$; $DP_{\leq 10 \text{anos}} = .45$) e dos indivíduos casados há onze ou mais anos ($M_{\geq 11 \text{anos}} = 4.0$; $DP_{\geq 11 \text{anos}} = .34$) não são idênticos, apontando a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os mencionados resultados [$t(74.04) = -1.9$; $p = 0.05$].

¹³ cf. Apêndice I, *output* 4

Tabela 10: Análise da igualdade dos valores médios (duração da relação)

	Duração_Relação (2 grupos)		Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
EFAP	≤ 10 anos	41	3.7927	.45421	,07094
	> 11 anos	39	3.9709	.34071	,05456

Tabela 11: Análise das diferenças intra-grupais (duração da relação)

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
		F	Sig.	t	df	Sig. (2- tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Int.of ≠	
									Low	Up
EFAP	Equal variances assumed	3,720	,057	-1,977	78	,052	-,17818	,0901	-,3576	,00125
	Equal variance not assumed			-1.991	74.046	.050	-,17818	,0894	-,3564	,00013

Desta forma, podemos constatar que o grupo de indivíduos que vivem numa relação há menos de dez anos (inclusive), tiveram resultados significativamente inferiores no que concerne à confiança no amor do parceiro, do que o grupo de indivíduos que estão casados/em união de facto há mais de 11 anos (inclusive). Ao aprofundarmos este resultado, as diferenças entre valores médios desta categoria apontaram mais precisamente que foram os homens casados/em união de facto há mais de 11 anos que tiveram resultados significativamente superiores no que diz respeito à dimensão confiança no amor do parceiro ($M_{\text{homens}} = 4.07$; $DP_{\text{homens}} = .099$; $M_{\text{mulheres}} = 3.98$; $DP_{\text{mulheres}} = .95$) (cf. Apêndice I, *output* 12).

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Recordamos a questão central que desenvolveu este estudo: *A Satisfação Conjugal, o Amor e a Desilusão Conjugal – e as suas relações -, são influenciadas pelo sexo, duração da relação e residência continental vs. insular?* Esta indagação permitiu estabelecer objectivos concretos como linha orientadora da investigação, que se prenderam, então, à análise da relação entre as variáveis ‘confiança no amor do parceiro’, ‘satisfação conjugal’, e ‘desilusão conjugal’, e à verificação da potencial influência de variáveis como sexo, duração da relação e residência continental vs. insular dos participantes. Antes de embarcarmos num debate sobre cada um destes objectivos em concreto, será pertinente denotar que as médias dos resultados para cada uma das dimensões estudadas apontaram, essencialmente, para uma amostra satisfeita com a sua relação, com baixos índices de desilusão conjugal e resultados intermédios no que diz respeito à confiança no amor do parceiro.

Relação entre Confiança no Amor do Parceiro, Satisfação Conjugal e Desilusão Conjugal

No que concerne à relação entre os construtos nos quais se assenta este estudo, podemos verificar que, ainda que de forma moderada, as correlações são significativas. Podemos ver, a partir dos resultados, que, quanto maior a confiança no amor do parceiro, menores os relatos relativos à desilusão conjugal, o que vai de encontro ao estudo de Niehuis e Bartell (2006), no sentido em que as duas dimensões correlacionam-se negativamente. Crê-se entendível este resultado auferido, pois a desilusão configura uma alteração de qualidades – precisamente como o amor e as demonstrações de afecto – para o pior, e este declínio negativo enfraquece as noções e expressões de romantismo vividas a

dois (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). A experiência de sentimentos de amor entre um casal suscita uma empatia mútua que permite uma maior aceitação do próprio – sem a necessidade de fingimentos acerca de quem realmente é – e do outro, com todas as suas qualidades e defeitos (Fenchel, 2013), o que configura uma conjuntura pouco propícia à desilusão conjugal. Paralelamente, a relação entre a Satisfação e a Desilusão conjugal segue a mesma direção que a anterior, tendo sido encontradas correlações negativas significativas, à semelhança dos estudos empíricos de Niehuis e Bartell, (2006) e Niehuis, Reifman, e Lee (2013). Neste sentido, a satisfação conjugal parece não ser compatível com desilusão conjugal, o que corrobora os estudos que indicam a desilusão conjugal como preditora do divórcio (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013).

Neste ponto, também verificou-se que quanto maior a confiança no amor do parceiro, maior a satisfação conjugal reportada. Este resultado vem a reafirmar o papel vital do amor e da sua expressão no que concerne à satisfação entre os cônjuges (Narciso & Costa, 1996).

Relação entre os construtos mencionados e o sexo, duração da relação e residência continental vs insular

No que diz respeito à satisfação conjugal, pode-se hipotetizar que esta ausência de influência seja evidência de que a discrepância em relação ao sexo na vida conjugal e familiar esteja, de facto, a diminuir (Sayer, 2005 *cit. in* Jackson *et al.*, 2014). Os nossos resultados aproximam-se dos encontrados no estudo de Hernandez e Oliveira (2003), que indicam a ausência de correlação do amor romântico tanto com a satisfação dos homens, como com a satisfação das mulheres. Ainda em relação às diferenças entre sexo, os resultados do presente estudo contrastam com a tese de que as mulheres apresentam

resultados mais elevados de desilusão com a relação do que os apresentados pelos homens (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013), sugerindo, novamente, a hipótese de a mitigação contínua das discrepâncias em relação ao género poder estar a fazer-se representar cada vez mais em várias dimensões da conjugalidade.

No que diz respeito à “residência”, esta variável categorial que se divide em indivíduos de Portugal continental e indivíduos da Região Autónoma dos Açores, não demonstrou ter uma correlação significativa com nenhuma das dimensões em estudo. Conquanto se possa afirmar a importância de factores contextuais, como a rede social, cultural e factores demográficos (Narciso, 2001) no que diz respeito às vicissitudes inerentes a uma vivência a dois, supõe-se, hipoteticamente, que esta ausência de correlação possa dever-se ao facto de não existirem diferenças expressivas o suficiente entre ambos os contextos sócio-culturais nos quais foi recolhida a amostra, que pudessem resultar numa disparidade estatisticamente significativa.

Ao falarmos da variável “duração da relação”, denota-se, igualmente, a inexistência de correlação significativa entre esta e as dimensões satisfação conjugal, desilusão conjugal e confiança no amor do parceiro. Este resultado contrasta com a literatura científica, particularmente no que diz respeito à desilusão conjugal, pois esta é operacionalizada como um construto temporal que reflete uma mudança negativa das qualidades conjugais (Niehuis, Reifman, & Lee, 2013). Da mesma forma, embora seja evidente a alusão à importância do factor tempo no que diz respeito à satisfação conjugal, que surge como dependente do decorrer dos anos de convívio (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Scorsolini-Comin & Santos, 2009, 2010) há que perspectivar que a conjugalidade, na sua natureza complexa e intrinsecamente subjectiva e pessoal, é influenciada por uma multiplicidade de outros factores (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006; Narciso,

2001) e práticas que podem ser entendidas como atemporais. Discute-se assim que a ausência de relação entre o tempo de duração da relação auferida no presente estudo possa, hipoteticamente, representar o enaltecimento de outros factores inerentes a uma vivência a dois, como investimento pessoal, empenho, partilha de interesses e equilíbrio entre a conjugalidade e individualidade (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin 2004), em detrimento do factor tempo. Na mesma linha de argumentação, e em relação à confiança no amor do parceiro, ainda que possamos atestar a existência de fundamentações teóricas que apontam para um declínio das expressões de amor e afecto entre cônjuges com o passar dos anos (Neff & Karney, 2005; Niehuis, Reifman, & Lee, 2013), a inexistência de correlação no presente estudo, é coerente com a tese de que o amor pode fazer-se sentir tanto em relações recentes como em relações de longa duração (Acevedo & Aron, 2009). No mesmo sentido, Fonseca e Duarte (2014) conceptualizam o amor como uma dimensão atemporal. Enquanto estudavam diferentes fases da relação (do namoro ao casamento) sob o ponto de vista temporal, as autoras perspectivam o amor como um factor atemporal e transversal, sendo que *“foi saliente a centralidade e imprescindibilidade do amor em todas as histórias”* (p.140). Nesse sentido, poder-se-á pautar o resultado deste estudo pela suposição de que o amor, enquanto agente e construção das relações de natureza romântica/conjugal (Narciso, 2001), não terá forçosamente de sofrer uma variação manifestamente significativa com o passar dos anos. Note-se, ainda, que, de facto, no nosso estudo se avalia, em particular, a confiança que um cônjuge tem no amor que o seu parceiro sente por si.

Variância dos construtos face ao sexo, duração da relação e residência

De acordo com os resultados do presente estudo, o sexo, a duração da relação e a residência não exercem influência sobre o Amor, a Satisfação Conjugal e a Desilusão Conjugal. Novamente, denotamos uma não confluência entre o presente estudo e a literatura, sobretudo no atinente à satisfação e desilusão diádica. À semelhança da análise de correlação, a suposição de que existiriam de facto diferenças significativas alicerça-se na revisão de literatura que aponta a importância de factores demográficos, sócio-culturais, e temporais (Narciso, 2001), o que não se manifesta nesta investigação empírica. Com este resultado, supõe-se que, embora seja sempre de importância o estudo das diferenças entre homens e mulheres no que diz respeito à conjugalidade, os paradigmas populares tendem a sobrevalorizar a influência que este pode exercer sobre as relações a dois (Spreecher & Toro-Morn, 2002).

Contudo, merece-nos particular atenção, a ausência de homogeneidade denotada entre os grupos inerentes à duração da relação (indivíduos com tempo de relação \leq a 10 anos, e indivíduos com tempo de relação \geq a 11 anos), no que diz respeito à dimensão confiança no amor do parceiro. Considerando a divergência de perspectivas patente na literatura, representada pela existência de estudos científicos que conceptualizam o amor, quer como uma dimensão de carácter intemporal e transversal a qualquer etapa da conjugalidade (sejam relativas ao namoro ou ao casamento) (Fonseca e Duarte, 2014), quer como um construto passível de ser influenciado pelo passar do tempo (Neff & Karney, 2005; Noller, 1996), as diferenças relativas ao amor encontradas neste estudo entre os dois grupos mencionados, entram em maior confluência com a tese de mudança ao longo do tempo.

Contrariamente às perspectivas teóricas que sugerem que o amor, bem como a satisfação e outros fenómenos relacionados, aumentam no início da relação mas depois sofrem um decréscimo considerável ao longo do tempo (Huesmann, 1980*cit. in* Sprecher, 1999; Niehuis, Reifman, & Lee, 2013; Neff & Karney, 2005; Wojciszke, 2002 *cit in*. Sheets, 2014), no presente estudo, os indivíduos que estão numa relação há mais de onze anos (inclusive) apresentam maior confiança no amor do parceiro. Este resultado, para além de contrastar com tais perspectivas, convergem com a tese de que as relações de longa duração são propícias a sentimentos de amor tanto quanto as relações recentes (Acevedo & Aron, 2009). Este resultado é igualmente consonante com os obtidos na investigação longitudinal de Sprecher (1999) que, debruçando-se sobre as percepções de mudança no amor, compromisso e satisfação de casais, aponta um incremento (ainda que ligeiro) dos mesmos com o passar dos anos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com este estudo alicerçado no domínio da Psicologia da Família, mais particularmente, da conjugalidade, pretendeu-se estudar a relação existente entre o amor, a satisfação diádica e a desilusão conjugal, tentando também compreender de que forma variáveis como o sexo, o local de residência e os anos de duração da relação se relacionam com tais dimensões. Assim, este capítulo conclusivo pretende apresentar uma reflexão final sobre os resultados obtidos, as limitações do estudo e perspectivas de pertinente exploração no futuro.

Por meio da análise integrada dos resultados acerca das dimensões relevantes, e numa leitura macroscópica do estudo, podemos essencialmente evidenciar: que existe uma

associação entre satisfação conjugal, confiança no amor do parceiro e desilusão com a relação (sendo negativa a relação com esta última variável); que sexo e residência continental vs. insular não se manifestam como influentes no que diz respeito à satisfação, amor e desilusão sentidos numa relação; que a duração da relação parece influenciar a confiança no amor do parceiro.

Os resultados mais elevados no que diz respeito ao grupo de indivíduos que se encontram numa relação há mais de 11 anos, aliados à literatura, sugerem o aprofundamento da temática do amor romântico no que diz respeito à duração da relação, por meio de estudos longitudinais e transversais, incidindo na hipótese de este, contrariamente ao que se tende a assumir (e.g. Niehuis, Reifman, & Lee, 2013; Wojciszke, 2002 *cit in*. Sheets, 2014), ter uma representação mais evidente nas relações mais duradouras. Da mesma forma, entende-se que a ausência de resultados significativos em relação à residência aponta também para a relevância de estudos futuros se debruçarem, mais profundamente, sobre as influências que o meio envolvente insular – com todas as características e particularidades que são inerentes a esta subcultura – podem exercer sobre o desenrolar de uma relação amorosa.

Finalmente, é fundamental sublinhar que, embora possamos validar a pertinência do estudo e respectivos resultados numa tentativa de aprofundar conhecimentos acerca das relações conjugais, a presente investigação não possibilita qualquer generalização dos resultados à população, nem permite estabelecer relações de causalidade entre as variáveis analisadas

Independentemente de todas as mudanças que se fazem sentir com o passar dos tempos, o casamento continua a constituir um veículo para a evolução pessoal, onde se

manifestam as potências de cada indivíduo e se integram na vida a dois (Paiva & Gomes, 2003). Espera-se que este estudo, tanto com os seus contributos, como com as suas limitações, possa vir a suscitar o interesse pela procura contínua de compreender as vicissitudes inerentes a todo o universo da vida a dois, com toda as suas idiosincrasias e toda a sua complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aboim, S. (2006). Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *Análise Social*, 180, 801-825
- Acevedo, B. & Aron, A. (2009). Does a long-term relationship kill romantic love? *Review of General Psychology*, 13(1), 59–65
- Ackerman, J.; Griskevicius, V.; Li, N. P. (2011). Let's Get Serious: Communicating Commitment in Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 100(6), 1079–1099
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora
- Andrade, M. & Silva, M. (2009). Casamento e conjugalidade: novas mudanças e contextos a luz da literatura. Anais do II Encontro Nacional de Bioética e Biodireito III Encontro de Comitês de Ética em Pesquisa da Paraíba
- Araújo, D. (2003). O amor no feminino: ocultamento e/ou revelação? *Estudos de Psicologia*, 8(3), 469-477
- Atalaia, V., & Cunha, S. (2014). A evolução da conjugalidade em Portugal: principais tendências e modalidades da vida em casal. In Delgado, A. & Wall, K. (Eds), *Família nos Censos, 2011: Diversidade e Mudança* (233-268). Imprensa de Ciências Sociais: Lisboa
- Birditt, S.; Hope, S. Brown, E. & Orbuch, T. (2012). Developmental Trajectories of Marital Happiness Over 16 Years, *Research in Human Development*, 9(2), 126-144
- Fair, J.; Black, W.C. & Babin, B (2009). *Análise Multivariada de dados* (6ª ed.) Artmed Editora: Porto Alegre
- Faulkner, H. Davey, M. & Davey, A. (2005) Gender-Related Predictors of Change in Marital Satisfaction and Marital Conflict. *The American Journal of Family Therapy*, 33(1), 61-83

- Fehr, B. (1988). Prototype Analysis of the Concepts of Love and Commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, (4), 557-579
- Fenchel, G. (2013). Marriage, Love and Other Relationships. *Psychoanalytic Psychology*, 35, 1-36
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Figueiredo, P. (2005). A influência do locus de controlo conjugal: comunicação conjugal e satisfação conjugal na satisfação com o casamento. *Ciências e Cognição*, 06, 123-132.
- Fonseca, S. & Duarte, C. (2014). Do Namoro ao Casamento: Significados, Expectativas, Conflito e Amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30 (2), 135-143
- Gomes, I. & Paiva, M. (2003). Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? *Psicologia em Estudo, Maringá*, 8, 3-9
- Gottman, J. M. & Silver, N. (2001). *Os sete princípios do casamento*. Editora Pergaminho. Cascais – Portugal.
- Hendrick, C. & Hendrick, S. (1986). A Theory and Method of Love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402
- Hernandez, J., & Oliveira, I. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1), 58-69.
- Holland, J. (2012). Home and Where the Heart Is: Marriage Timing and Joint Home Purchases. *Eur J Popul.*; 28(1), 65–89
- Jablonski, B. (2010). A Divisão de Tarefas Domésticas entre Homens e Mulheres no Cotidiano do Casamento. *Psicologia ciência e profissão*, 30 (2), 262-275
- Jackson, J., Miller, R., Oka, M. & Henry, R. (2014). Gender Differences in Marital Satisfaction: A Meta-analysis. *Journal of Marriage and Family* (76) 105–129

- McNulty, J. & Karney, B. (2004). Positive Expectations in the Early Years of Marriage: Should Couples Expect the Best or Brace for the Worst? *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(5), 729–743
- Menandro, P.R.; Rölke, R. & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas/conjugais em provérbios. *Psicologia Clínica*, 15(2)
- Mosmann, C., Wagner, A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia*, 16 (35), 315-325
- Murray, S. L.; Pinkus, R. T.; Holmes, J. G.; Harris, B.; Gomillion, S.; Aloni, M.; Derrick, J. L. & Leder, S. (2011). Signaling When (and When Not) to Be Cautious and Self-Protective: Impulsive and Reflective Trust in Close Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(3), 485–502.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades Satisfeitas, mas não Perfeitas: À Procura do Padrão que Liga*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 115-130.
- Narciso, I., & Costa, M. E. (2001-2002). Percursos de mudança na qualidade conjugal. Fragmentos de um estudo sobre conjugialidades satisfeitas. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17/18, 181-195
- Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Neff, L. & Karney, B. (2005). To Know You Is to Love You: The Implications of Global Adoration and Specific Accuracy for Marital Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, (3), 480–497
- Neves, A. (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Estudos Feministas*, 15(3)

- Niehuis, S., & Bartell, D. (2006). The marital disillusionment scale: Development and psychometric properties. *North American Journal of Psychology*, 8, 69-84.
- Niehuis, S., Reifman, A., & Lee, K. H. (2013). Disillusionment in Cohabiting and Married Couples A National Study. *Journal of Family Issues*
- Noller, P. (1996). What is this thing called love? Defining the love that supports marriage and family. *Personal Relationships*, (3) 97-115.
- Norgren, M. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 9(3), 575-584.
- Oliveira, C. & Krug J. (2011). A Formação da Identidade Conjugal, *Universo Acadêmico, Taquara*, 4, (1)
- Oltramari, L. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669-677
- Orathinkal & Vansteenwegen (2007) Do Demographics Affect Marital Satisfaction? *Journal of Sex & Marital Therapy*, 33(1), 73-89
- Pallant, J. F. (2005). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS*.
- Perlin, G. & Diniz, C. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia Clínica*, 15(2), 15-29
- Ribeiro, C. M., Pinho, V., & Falcone, E. (2011). A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal. *Aletheia*, 7(2)
- Sardinha, A., Falcone, E. Ferreira, M.C. (2009). As Relações entre a Satisfação Conjugal e as Habilidades Sociais percebidas no Cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Jul-Set, 25 (3) , 395-402
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2009). Casar e ser feliz: mapeando a mensuração da satisfação conjugal. *Psico*, 40(4), 430-437

- Scorsolini-Comin, F., Santos, M. A. (2010) Satisfação com a vida. *Psico USF*, 15(2), 249-256.
- Schumm, W., Bergen, L., Hatch, R., Obiorah, F., Copeland, J. M., Meens, L. & Bugaighis, M. (1986). Concurrent and Discriminant Validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and Family*, 48(2), 381-387
- Sheets, V. (2014). Passion for life: Self-expansion and passionate love across the life span. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(7) 958–974
- Sprecher, S. (1999). "I Love You More Today Than Yesterday": Romantic Partners' Perceptions of Changes in Love and Related Affect Over Time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (1), 46-53
- Sprecher, S. & Toro-Morn, M. (2002). A Study of Men and Women From Different Sides of Earth to Determine if Men are From Mars and Women are From Venus in Their Beliefs About Love and Romantic Relationships. *Sex Roles*, 46(5/6), 131-147
- Sternberg, R. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, (27), 313-335
- Williams, S. H. (2009). Sticky Expectations: Responses to Persistent Over-Optimism in Marriage, Employment Contracts, and Credit Card Use. *Notre Dame Law Review*, 84(2) 733-791
- Zordan, E., Falcke, D., & Wagner, A.. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76.